

A TRADIÇÃO INVENTADA E O MULTICULTURALISMO NAS CAVALHADAS DE PIRENÓPOLIS / GO (BRASIL)

THE INVENTED TRADITION AND MULTICULTURALISM IN THE CAVALHADAS OF PIRENÓPOLIS / GO (BRAZIL)

ALEXANDRE DOS SANTOS GOSSN

Doutorando em Estudos Contemporâneos junto ao CEIS 20 pela Universidade de Coimbra, mestre em Direito pela Universidade Católica de Santos, pesquisador, escritor e advogado.

Endereço: contato@alexandregossn.com.br

RESUMO

Partindo da depuração de dados objetivos sobre a realização das Cavalhadas de Pirenópolis no Estado de Goiás, na região do centro-oeste brasileiro, o presente ensaio se dedica a refletir como e onde se assenta o multiculturalismo nesta celebração que se apresenta como uma descendente de uma longínqua tradição. Questiona-se não só o multiculturalismo, mas também o conceito de tradição e do próprio espaço citadino como uno sob o espaço e o tempo.

Palavras-chave: Cidade; Heterotopia; Rito; Multiculturalismo; Tradição.

ABSTRACT

Starting from the debugging of objective data on the performance of the Cavalhadas de Pirenópolis in the State of Goiás, in the central-west region of Brazil, this essay is dedicated to reflect on how and where multiculturalism is based in this celebration that presents itself as a descendant of a distant tradition. Not only multiculturalism is questioned, but also the concept of tradition and the city space itself as one under space and time.

Keywords: City, Heterotopia; Rite; Multiculturalism; Tradition.

SUMÁRIO

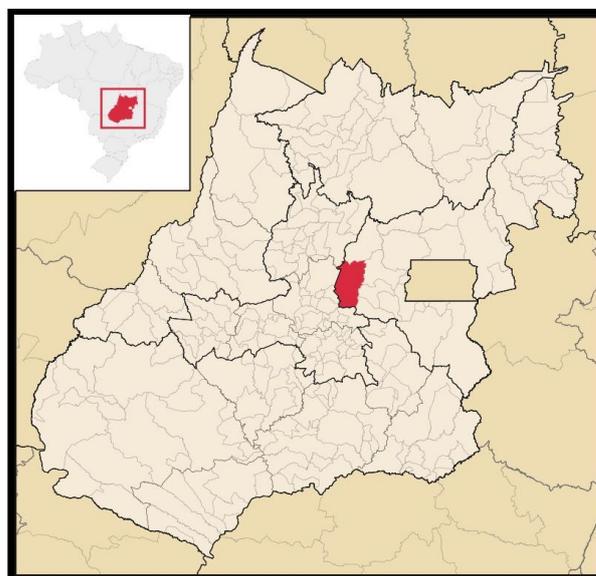
A CAVALHADA NOS “PIRENEUS TROPICAIS”; 1 A TRADIÇÃO SE INVENTA:
MULTICULTURALISMO OU ASSIMILAÇÃO?; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS

A CAVALHADA NOS “PIRENEUS TROPICAIS”

Com quase quatro vezes a extensão territorial de Portugal, o Estado brasileiro de Goiás fica encravado no centro do que se convencionou chamar planalto do Brasil, mas tratar este espaço como mero planalto é pecar por excessivo simplismo. A verdade é que a geografia goiana é mais complicada que a literatura pode tentar ensinar. Desta complexidade *in loco* advêm maiores pluralidades culturais, e como costuma ocorrer nas interações entre o meio e as sociedades conectadas a este, não é fácil distinguir a causa do efeito e vice-versa. Uma verdade adicional é que no nordeste goiano há a chamada Chapada dos Veadeiros, sendo a chapada uma formação bastante incomum na Europa, mas ao revés, muito comum no Brasil, existindo no mínimo mais três notórias para além da citada: Guimarães (Matogrosso), Diamantina (Bahia) e das Mesas (Maranhão).

Para tornar a geografia goiana ainda um pouco mais complexa que a mesmice planaltina com que geralmente os desconhecidos se referem a ela, surge diagonalmente abaixo da Chapada dos Veadeiros uma importante formação geológica: a Serra dos Pireneus. Para um europeu, deve soar estranho saber que existem Pireneus no Brasil, quando os Pireneus mais famosos constituem a cordilheira que separa Espanha e França, mas ficará ainda mais exótico quando se revela que nem os brasileiros sabem exatamente porque a Serra recebeu este nome. Não existem fontes seguras, mas é ventilado que catalães colonizadores viveram na região e consideraram a serra parecida com a cordilheira da região natal e assim a batizaram.

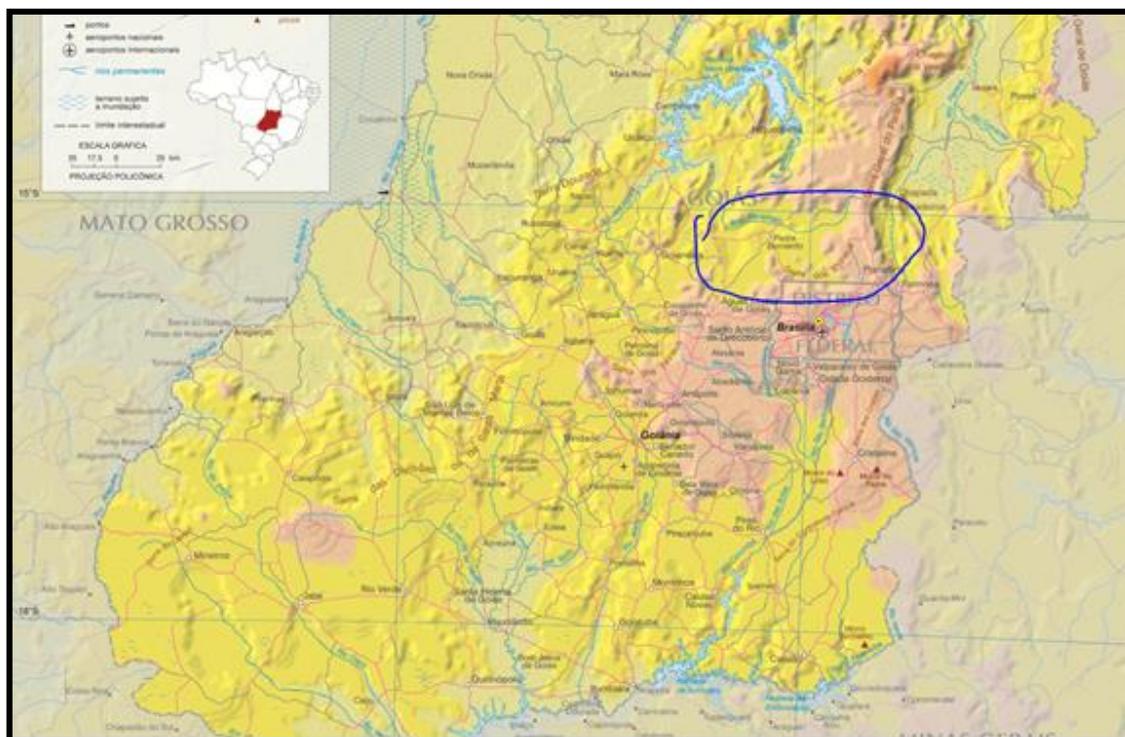
Figura 1: Localização do município de Pirenópolis/GO no Brasil



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Piren%C3%B3polis#/media/Ficheiro:Goias_Municip_Pirenopolis.svg

Figura 2: A geografia de Goiás/ Brasil



Fonte: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2011/01/goias.gif>

Figura 3: Serra dos Pireneus na região Centro-Oeste de Goiás/ Brasil



Fonte: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/parque-estadual-da-serra-dos-pireneus-234-6374-1.html>

Figura 4: Parque Estadual da Serra dos Pireneus em Goiás/ Brasil



Fonte: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2014/08/vale-pena-conhecer.html>

Então, descobriu-se, na região da serra dos Pireneus, muitas jazidas de ouro e outros metais preciosos no apogeu do ciclo de extrativismo pelo Império português. O auge dessa exploração na serra aludida se deu nos séculos XVIII e XIX e eis que uma cidade surgiu circundada pelos Pireneus brasileiros e não tardaria para ser batizada de Pirenópolis, ou seja, a cidade (pólis) dos Pireneus. Mas, não seriam os pireneus a única importação cultural do velho continente que Pirenópolis faria. Entre o final do século XVIII e o começo do século XIX, como documentam (Brandão¹ e Da Silva²), tem início a celebração da Cavalhada de Pirenópolis, escopo deste presente ensaio.

Não há cem por cento de certeza, mas é provável que o evento tenha começado a ser celebrado nos anos 1820 de forma oficial, quando a sociedade cidadina da época representava as

¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

²DA SILVA, Mônica Martins. **As cavalhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre sociedade, festas e espaço urbano. História Revista, número 6, p. 135-162, jan/jun. 2001.

batalhas entre cristãos e mouros ocorridas na península Ibérica. A celebração existe até hoje, e ano a ano é realizada de forma similar, comportando, é claro, alterações que foram sendo introduzidas ao longo dos tempos por motivos variados, desde os tecnológicos, aos ideológicos, religiosos e comerciais.

O evento, como reporta Moema Coelho Silva³, nasceu como uma festa para os cidadãos de Pirenópolis e assim, a festa se manteve ao menos por cerca de 140 anos, até que a criação de Brasília como nova capital brasileira alterou enormemente o ritual urbano aludido. Isto porque a criação de Brasília produziu novas estradas, conurbações e aglomerados urbanos, tornando Pirenópolis parte de uma nova malha de cidades em Goiás, facilitando o acesso à cidade serrana, ao mesmo tempo em que a pendularidade entre as cidades goianas, de um modo geral, se intensificou de forma inédita dos anos 1960 em diante. Vale frisar que a distância de Pirenópolis a Brasília é de cerca de 160 km e não era tão pouco para a época, em se tratando de uma distância entre duas urbes pequenas ou mal desenvolvidas, o que não era o caso.

Pirenópolis sempre foi atraente do ponto de vista natural, climático e turístico, como uma legítima estância para férias de verão e inverno e já ostentava pendularidade regular com Goiânia, fundada quase 30 anos antes que Brasília, e uma cidade vocacionada ao crescimento econômico desde sempre. Junte-se estas características regionais deste espaço do Centro-Oeste brasileiro com a chamada compressão do espaço – tempo por David Harvey⁴, isto é, distâncias e tempos outrora insuperáveis ou incômodos, foram pouco a pouco sendo vencidos por estradas e veículos de transporte cada vez mais céleres e massivos. O resultado dessa dinâmica é que Pirenópolis começou a magnetizar visitas de cidadãos de Brasília, Goiânia e cidades vizinhas, e conforme a festa da Cavallhada foi se tornando mais popular, ela foi se tornando cada vez mais notória, a ponto de deixar de ser um ritual apenas local, para passar a ser também um dínamo social e econômico para a cidade e um polo atrativo para pessoas de fora da cidade. O evento sempre foi notório por ser mais que uma simples festa, ou seja, comportava ínsito a si a dimensão de um rito, rito este que não só apenas a elite e os senhorios da cidade podiam tomar parte, mas também pessoas de outros estamentos sociais, ainda que cada um tivesse um papel a ser cumprido.

³ SILVA, Moema Coelho. **O ritual e a cidade contemporânea**: espaço ritualístico como heterotopia. Tese defendida no curso de arquitetura perante a Faculdade de Tecnologia do Centro Universitário de Brasília. Brasília / DF, 2006.

⁴ HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. Rio de Janeiro: Loyola, 2017.

Mas quais papéis seriam esses? E até onde essa subversão de papéis sociais era tolerada? E hoje? Como são os papéis? E o papel da religião e do Poder Público neste evento atual? Como analisar uma celebração aparentemente totalmente europeia e que emula jogos medievais em um país que foi invadido e colonizado apenas após o Renascimento e a Idade Moderna? Há multiculturalismo envolvido ou mera assimilação cultural? O presente ensaio se debruça sobre as questões acima e tenta respondê-las a seguir.

1 A TRADIÇÃO SE INVENTA: MULTICULTURALISMO OU ASSIMILAÇÃO?

Está nos anais da História e é fato notório que no final do século VIII, Carlos Magno propeliu seu exército para bloquear e expulsar invasores islâmicos que tentavam se apossar do sul da França. Seu feito, com enormes perdas militares e humanas, teve êxito no bloqueio dos invasores e se tornou amplamente divulgado na Europa como sinônimo da força e lealdade da cristandade. A península Ibérica já havia sido invadida e seria amplamente colonizada pelos islâmicos, que só não lograriam realmente se consolidar no Norte desta, e por isso, o feito de Carlos Magno ressoou com enorme intensidade entre os ibéricos, que passaram a emular o feito militar em jogos medievais que foram sendo conhecidos como cavalhadas. A reconquista da península dos mouros, concretizada somente séculos depois (fins do séc. XV),

Figura 5: Participante das Cavalhadas de Pirenópolis/GO.



Fonte: <http://www.portaldodivino.com/Cavalhadas/cavalhadas.htm>

certamente salpicou mais elementos heroicos às cavalcadas, que acabaram sendo levadas ao Novo Mundo após o período conhecido como os descobrimentos⁵.

Figura 6: O "combate" entre os cristãos de azul e os mouros de vermelho na cavalcada de Pirenópolis/ GO.



Fonte:

https://www.google.com/search?q=cavalcada+piren%C3%B3polis&sxsrf=ALiCzsYSR4pBIKKDwsuYGdr ebT35xcZTSA:1652643250918&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjLhKXvn-L3AhWJ3oUKHUo4AQYQ_AUoAnoECAIQBA&biw=1366&bih=657&dpr=1#imgsrc=-CYb77OxxoaX_M

Assim, após penetrar na cultura da Europa cristã, a cavalcada fora transportada para Pirenópolis, a cidade serrana aos pés da serra que evoca a cordilheira dos Pireneus, e passou com amplo apoio do clero, a ser celebrada na década de 1820. É relevante frisar que nesta época inexistia separação entre Estado e Igreja, e o Brasil, prestes a se tornar independente, não mudaria isso: o catolicismo era a religião oficial e assim permaneceria ao menos por mais cerca de setenta

⁵ A historiografia mais recente evita o termo “descobrimto” na atualidade, visto que hoje se sabe que a população americana (nativos) era enorme, e a só a população de indígenas no Brasil era superior de duas a três vezes à população portuguesa.

anos, quando a Constituição republicana (1891), enfim, introduziria a separação entre poder mundano e clerical. A celebração, evidentemente, vilanizava os muçulmanos e entoava elogios aos cristãos, mas não seria justo se afirmar categoricamente que era um evento mais espontâneo e orgânico do que atualmente. O que se pode cravar, sem dúvidas, consoante estudado por Moema Coelho Silva, é que a celebração visava outros fins em comparação com festa atual: naquele período, a festa tinha tanto o fim da coesão social, de valorizar o que unia teoricamente todos os indivíduos da população (religião cristã), bem como referenciar valores importantes segundo a sociedade, tais como lealdade, união de propósitos, bravura e altruísmo. Como pontua Hall⁶, costuma haver uma dimensão política na identidade, seja a individual, seja a coletiva. Com a cavalhada, um evento centenário que busca justificativa em tradição milenar justamente a partir do enfrentamento do outro por meio da união do nós, isso não seria diferente. O “outro” e o “nós” podem mudar ao longo dos tempos, mas o “*cristãos / nós*” sempre pode ocupar algum espaço em que se pretenda fazer uma ode a um grupo social, enquanto o “mouros / outros” sempre pode traduzir a expressão do inimigo, do adversário, do elemento sociopolítico a ser derrotado ou, nos casos mais extremos, expulso e erradicado como na reconquista Ibérica.

Além disso, a celebração segundo se reporta sempre permitiu uma pequena subversão da ordem vigente, algo similar ao carnaval e outras festividades existentes desde a antiguidade, quando alguns papéis sociais podiam ser momentaneamente suspensos, invertidos ou ridicularizados. Como a participação no evento como cavaleiro custava muito mais do que representar pessoas sem grandes posses, muitos populares participavam como os “mascarados” e assim, se misturavam à multidão para dançar, beber, fazer chistes etc, e para tanto, segundo a tradição, recomendava-se mudar a própria voz para não ser reconhecido, robustecendo o disfarce.

Já nos anos 1970, o Poder Público observou o poderio cultural e econômico do evento, e desde então o Governo Goiano passou a investir na Cavalhada de Pirenópolis, a ponto de, inclusive, subsidiar os trajes dos cavaleiros e criar o “Cavahódromo”, a arena onde o evento passou a transcorrer oficialmente, deixando assim as ruas e o improvisado, ao menos no que concerne ao “embate” entre mouros e cristãos. As ruas prosseguem cheias, é claro, e os mascarados são cada vez mais numerosos, dançando, confraternizando, utilizando fantasias cômicas e ainda alterando a própria voz como se isso ainda fosse necessário para evitar represálias sociais. A festa deixou de ter

⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

unicamente a finalidade de coesão social e hoje, está mais voltada até para os cidadãos de fora da cidade, que vão em busca da experiência sensorial de assistir um evento tido como exótico em um país que jamais ostentou jogos medievais.

Como este ensaio se propôs investigar, há que se indagar: qual foi / é o papel da tradição nestes jogos da cavallhada? Segundo a etimologia, tradição vem do latim *traditio*, que seria como transferir, conduzir, transmitir ou passar adiante. Ainda hoje se utiliza o termo na seara jurídica, sob a lógica na qual muitos contratos de bens móveis só se cumprem segundo a tradição do bem, isto é, a transferência da posse do vendedor ao comprador.

Com a tradição cultural não é muito diferente: o emissor efetua a *traditio* de determinados bens culturais ao receptor. Essa transmissão pode ser tanto amigável, bi ou multilateral e multicultural, como pode ser operada por uma forte assimilação cultural, onde não há praticamente troca de bens incorpóreos (culturais), mas sim, supressão de um em prol da instalação de outro.

É interessante que a tradição costuma ser apresentada e defendida especialmente por pensadores conservadores como algo *natural*, muito antigo e ancestral e que não deve ser contestada. Pensadores como Edmund Burke⁷ defendiam inclusive que a ordem social depende de um pacto entre os vivos, os mortos e os que não nasceram, o que equivale a afirmar que o passado segue vivo e irradiando efeitos no presente. E a tradição operaria ainda como um trilho para a humanidade não se desgarrar ou se perder em vórtices revolucionários e ideias sem raiz, o que equivale a dizer que a tradição, portanto, protegeria também as futuras gerações.

No entanto, quando estudos antropológicos e históricos são feitos sobre costumes contemporâneos ou que descendam da Idade Moderna (por exemplo, sobre as touradas modernas), não é raro que se descubra que tais costumes não são assim tão tradicionais. A “tradição”, não raras vezes, é bem mais recente que o propalado e deriva de fontes culturais que não dizem respeito aos que seguem a respectiva tradição. Pode-se argumentar que o Brasil é composto da cultura indígena, africana e europeia e assim, seria natural que possuísse em seu solo jogos europeus tradicionais. Sem dúvida, é um argumento aparentemente válido, mas que deve ser contrabalanceado com a contestação virulenta que pensadores brasileiros como Lilia Schwarcz⁸, Djamila Ribeiro⁹ e Silvio

⁷ BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.

⁸ SCHWARCZ, L.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁹ RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Almeida¹⁰ têm feito de que houve coexistência entre as três culturas acima citadas. Pirenópolis seria fruto de multiculturalismo urbano ou assimilação cultural de uma potência hegemônica que a colonizou? Este exame crítico costuma ser ignorado em certas ocasiões e noutras, turvado pela ocorrência de heterotopia.

Segundo a heterotopia, em sua dimensão sociológica e filosófica, é possível um espaço comportar a existência de duas ou mais dimensões culturais dentro desta porção de solo. Assim, poder-se-ia pisar em Pirenópolis em 2022 em uma cavalcada, e observar que o território citadino foi ocupado por diferentes manifestações culturais, desde simulação da batalha de um rei franco como Carlos Magno, passando pelas cavalcadas ibéricas nos séculos seguintes, até o fervor em torno da reconquista ibérica no século XV, não se esquecendo das particularidades introduzidas nos eventos pelos jesuítas brasileiros, pelos estancieiros, pelos governos que passaram a incentivar o evento até o caldo cultural da pós-modernidade, que ora orbita o evento.

Ainda, analisando-se heterotopicamente o evento, o estádio de futebol de Pirenópolis dá lugar à arena de batalha, os camarotes futebolísticos da elite da cidade se transformam em baias para consumo de alimentos, visita de turistas e curiosos. As ruas, em geral meros canais de comunicação, transporte e tráfego, se tornam as pistas de dança, marchas e leito para os aplausos das multidões e mascarados.

Se, como Sennet¹¹ afirma, toda cidade tem ou teve seu rito, Pirenópolis buscou o seu longe de si, do outro lado do Atlântico e no Hemisfério Norte, para dentro de uma abóboda heterotópica, assistir a França Carolíngia, a Espanha Moura ou Portugal Sarracena serem ressuscitadas por 12 dias e coexistirem com a Pirenópolis colonial extrativista e nos estertores da proclamação da Independência, para ao mesmo tempo conviverem com a cidade que emergiu do nascimento de Brasília e se tornar um polo criativo e turístico, não somente por suas inúmeras cachoeiras (algumas emulando até o caminho de Budah, o que é tema para outro ensaio), mas também por suas “tradicionais” manifestações culturais. O exemplo da cavalcada de Pirenópolis se tornou tão célebre no Brasil, que muitas cidades têm tentado imitá-lo, ainda sem o mesmo sucesso comercial e

¹⁰ ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

¹¹ SENNET, Richard. **Carne & Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

midiático de uma festa “medieval” sendo que não existiu Idade Média em uma cidade pós-moderna, em plena era hiper-histórica, usando-se a classificação de Floridi¹².

CONCLUSÃO

Todo cenário cultural pressupõe jogos e papéis sociais: se a cavallhada encena uma batalha, é lícito se supor que dois dos seus papéis serão de protagonista e antagonista. Mas, será que estes são os únicos papéis a serem encenados? Mais que isso, para além da “encenação”, parece mais preciso se referir à encarnação. Ninguém está exatamente encenando / fingindo, mas sim, encarnando diferentes tipologias humanas e sociais. Para além do “nós / cristãos” *versus* “eles/mouros”, existem as categorias borradas de cinza nesta suposta batalha entre luz e escuridão. Os mascarados, os transeuntes, os turistas, os burocratas, os investidores, as crianças maravilhadas com o espetáculo de cores e até quem julga não participar por apenas assistir, está participando, encarnando um papel na cavallhada como rito urbano. Se há toda uma seriedade nas batalhas que sacraliza os corpos humanos que foram mutilados, feridos e destruídos no passado em nome de Deus, Alá ou da proteção da Europa, há troça, chiste e secularização do sagrado ritualístico por meio dos mascarados que não tomam partido, senão o da diversão dionisíaca que a festa proporciona. Entre o bem e o mal, os mascarados e o público em geral, acabam ficando com o bom.

Até mesmo a alegação de se tratar de uma cerimônia eminentemente europeia parece ficar em segundo plano para quem saboreia a festa: a maioria certamente não sabe quem foi Carlos Magno, quando o imperador viveu, o que representou e até mesmo se professava alguma religião. Mouros? Muito provavelmente os mascarados e o público desconhecem, em grande medida, quem são os mouros, se vinham do Norte de África, do Oriente Médio ou da Pérsia, e salvo que trajam uniformes vermelhos nas batalhas encarnadas e ostentam estandartes com luas, dificilmente saberiam algo sobre Alá ou Maomé. Neste sentido, a ignorância (sem conotação crítica ou julgamento, mas simplesmente a acepção pura do verbo, ignorar / desconhecer) dos celebrantes pode tornar a festa menos europeia, menos vinculada ao passado medieval ou colonial e simplesmente representar um evento lúdico do aqui / já / agora / neste instante e lugar, condensando uma dinâmica existencial típica da pós-modernidade, a era do instantâneo. É de se questionar até

¹² FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. New York: Oxford University Press, 2014.

mesmo qual é a capacidade da heterotopia em se fazer presente nas cidades contemporâneas, repletas de territórios informacionais como lecionava Milton Santos¹³, e ritmadas não por dias e semanas, mas por átomos de segundos.

Mesmo a esgrima teórica e elegante entre multiculturalismo & assimilação cultural corre sério risco na era pós-moderna, quando como um *wormhole* temporal / cultural / espacial, o tempo instantâneo pode encarnar a assimilação cultural máxima ao ponto desta engolfar, deglutir e pasme, assimilar o multiculturalismo. Se o multiculturalismo fosse paradoxalmente assimilado pela assimilação cultural, tudo se tornaria assimilação e assim, tudo seria multicultural, ou nada seria multicultural. Se não é verdade que toda ideia hegemônica foi um dia minoritária (porque muitas ideias podem nascer dominantes), não é certo que toda hegemonia precisa definhar sem ser assimilada. Ao revés, essa é a dinâmica mais presente na História. A cultura grega não desapareceu, mas antes, fora assimilada pela romana, que também não sumiu, mas foi sorvida pelos germânicos e carolíngios. Os vikings – por esse prisma – ainda vivem no idioma e cultura anglo-saxônica, como palavras árabes são balbuciadas por cidadãos lusófonos. A assimilação, nesse sentido, seria uma forma de *vendeta* do assimilado, que se pereniza por meio da cultura que lhe prevaleceu e assim, Carlos Magno e os mouros prosseguem se batendo ao longo dos séculos em campos de batalha multiculturais em cidades que jamais sonharam existir.

Coimbra, maio de 2022.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

ARISTÓTELES. **Política**. Versão de domínio público editada pela Lebooks, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. 208p.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.

¹³ SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2013; SANTOS, M. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso da São Paulo. São Paulo: Nobel: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

DA SILVA, Mônica Martins. **As cavalhadas de Pirenópolis:** um estudo sobre sociedade, festas e espaço urbano. *História Revista*, número 6, p. 135-162, jan/jun. 2001.

FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution:** how the infosphere is reshaping human reality. New York: Oxford University Press, 2014.

GUIA MELHORES DESTINOS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. Rio de Janeiro: Loyola, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, M. *A Urbanização Brasileira.* São Paulo: EDUSP, 2013.

SANTOS, M. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso da São Paulo.* São Paulo: Nobel: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SANTOS, P. *A formação de Cidades no Brasil Colonial.* 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. M. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENNET, Richard. **Carne & Pedra:** O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

SILVA, Moema Coelho. **O ritual e a cidade contemporânea:** espaço ritualístico como heterotopia. Tese defendida no curso de arquitetura perante a Faculdade de Tecnologia do Centro Universitário de Brasília. Brasília / DF, 2006.

Sites visitados:

Infoescola

Portal da Cidade de Pirenópolis

Portal do Divino

Wikipedia

Recebido em: 12/10/2022 / Aprovado em: 06/05/2023